

Franz Kafka

# O PROCESSO

ROMANCE

Conforme a Versão Manuscrita do Texto

*tradução e prefácio de*  
Álvaro Gonçalves

LIVROS DO BRASIL

## PRISÃO

Alguém devia ter difamado Josef K., pois, certa manhã, sem que tivesse feito qualquer mal, foi preso. A cozinheira da senhora Grubach, sua senhoria, que todos os dias, pelas oito horas da manhã, lhe trazia o pequeno-almoço, desta vez não apareceu. Ainda nunca lhe acontecera isso. K. esperou ainda um pouco, viu, com a cabeça deitada no travesseiro, a velha senhora que morava em frente e que o observava com uma curiosidade invulgar, mas depois, simultaneamente surpreendido e com fome, tocou a campainha. Imediatamente se ouviu alguém bater à porta e, logo de seguida, entrou um homem que ele nunca vira nesta casa. Era esbelto e não obstante bem constituído, trazia um fato preto e justo, que, tal como os fatos de viagem, tinha várias dobras, bolsos, fivelas, botões e um cinturão e, por consequência, sem que se compreendesse qual a finalidade de tudo isso, parecia especialmente prático. «Quem é o senhor?», perguntou K. e sentou-se imediatamente meio inclinado na cama. Porém, o homem ignorou a pergunta, como se tivesse que aceitar como óbvia a sua presença, e disse por sua vez simplesmente: «O senhor tocou?» «A Anna que me traga o pequeno-almoço», disse K. e tentou em silêncio, por meio de atenção e reflexão, verificar quem era de facto este homem. Este, porém, não se deixou observar durante muito tempo, mas virou-se para a porta, que abriu ao de leve, para dizer a alguém que pelos vistos se encontrava mesmo atrás da porta: «Ele quer que a Anna lhe traga o pequeno-almoço.» Seguiu-se uma pequena risada no quarto contíguo, e, a julgar pelo som, não se sabia ao certo se não teria sido produzida por várias pessoas. Embora o estranho não tivesse podido depreender nada do que já não soubesse, disse mesmo assim em tom de informação: «É impossível.» «Isso seria algo de novo», disse K.,

saltando da cama e vestindo rapidamente as calças. «Sempre quero ver que tipo de pessoas estão no quarto ao lado e como me vai justificar a senhora Grubach este incómodo.» De facto, ocorreu-lhe de imediato que não tinha que ter dito isso em voz alta e que, assim, de certo modo, reconhecia ao estranho um certo direito de inspeção, mas neste momento não lhe pareceu importante. Pelo menos, foi assim que o estranho entendeu, pois disse: «Não quer antes ficar aqui?» «Não quero nem ficar aqui nem ser abordado por si, enquanto não me disser quem é.» «Não foi por mal», disse o estranho, abrindo voluntariamente a porta. O quarto contíguo, em que K. entrou mais devagar do que desejava, estava, à primeira vista, exatamente como o deixara na noite anterior. Era a sala de estar da senhora Grubach, talvez houvesse hoje um pouco mais de espaço do que era habitual neste quarto repleto de mobílias, cobertores, porcelanas e fotografias, não se notava logo, tanto mais que a alteração principal consistia na presença de um homem que, junto à janela aberta, se encontrava sentado com um livro, do qual agora levantava os olhos. «Devia ter permanecido no seu quarto! Então Franz não lhe disse isso?» «Sim, o que deseja o senhor?», disse K., desviando o olhar da pessoa que acabara de conhecer para aquele que era conhecido por Franz, que se mantivera junto à porta, e, novamente, para a primeira. Através da janela aberta, via-se de novo a velha senhora que, com uma curiosidade verdadeiramente senil, se pusera à janela que ficava em frente, de modo a continuar a ver tudo. «Eu quero ver a senhora Grubach —», disse K., fez um movimento como se quisesse libertar-se dos dois homens, que, no entanto, se encontravam longe dele, e queria ir-se embora. «Não», disse o homem que estava junto à janela, atirando o livro para cima da mesinha e levantando-se. «O senhor não pode ir-se embora, o senhor está preso.» «Parece que sim», disse K.. «E porquê?», perguntou. «Não nos compete dizer-lhe isso. Vá ao seu quarto e aguarde. Foi-lhe instaurado o processo e o senhor saberá tudo na devida altura. Estou a ultrapassar as minhas competências ao falar-lhe assim de uma forma tão amável. Mas espero que mais ninguém me esteja a ouvir a não ser Franz e mesmo esse está a ser simpático consigo contra todos os regulamentos. Se continuar

a ter tanta sorte como a que tem tido com o comportamento dos seus guardas, então pode estar confiante.» K. queria sentar-se, mas reparou que em todo o quarto não havia um único sítio para isso, à exceção da cadeira que se encontrava junto à janela. «O senhor verá como tudo isto é verdade», disse Franz, dirigindo-se a ele juntamente com o outro homem. Este em especial era bastante mais alto do que K. e batia-lhe frequentemente nos ombros. Os dois examinaram a camisa de dormir de K. e disseram que agora passaria a usar uma camisa bastante pior, mas que guardariam esta camisa assim como a restante roupa e lha devolveriam caso a sua situação viesse a ter um desfecho feliz. «É preferível que nos entregue as coisas a nós a pô-las no depósito», disseram, «pois no depósito é frequente haver extravios e, para além disso, todos os objetos são vendidos passado algum tempo, sem se ter em conta se o processo em causa chegou ao fim ou não. E como duram tanto tempo este tipo de processos, sobretudo ultimamente! Certamente que receberia por parte do depósito o produto da venda, mas primeiro esta quantia já de si é pequena, pois na venda o que conta não é o valor da oferta mas sim o valor do suborno e, segundo, estas quantias, diz-nos a experiência, vão diminuindo à medida que passam de mão em mão, de ano para ano.» K. mal prestava atenção a esta conversa, pois, mais urgente do que o direito de dispor dos seus objetos pessoais, que ele provavelmente ainda tinha, era ter a noção clara da sua situação; no entanto, na presença destas pessoas não conseguia sequer refletir, a barriga do segundo guarda — só podiam ser guardas — impelia-o constantemente com uma cordialidade formal, mas, quando levantava os olhos, deparava-se-lhe um rosto seco e ossudo, com um nariz forte e torcido para o lado que em nada condizia com este volumoso corpo e que se entendia com o outro guarda por cima da sua cabeça. Que tipo de pessoas eram elas? De que falavam? A que instituição pertenciam? Mas K. vivia num estado de direito, reinava a paz por toda a parte, todas as leis estavam em vigor, quem ousava invadir os seus aposentos? Ele tendia sempre a levar as coisas com a maior ligeireza possível, a acreditar no pior só quando o pior se manifestava, não se preocupava com o futuro, mesmo quando havia ameaças por todo o lado. Mas,

aqui, esta atitude não lhe pareceu correta, podia-se de facto considerar tudo isto uma brincadeira, uma grande brincadeira feita pelos colegas do banco por razões desconhecidas ou talvez por fazer hoje trinta anos, era possível, talvez precisasse de uma maneira qualquer de se rir na cara dos guardas e estes rir-se-iam com ele, talvez fossem moços de recados da esquina, até eram parecidos — mesmo assim, estava desta vez deveras decidido, já desde que vira pela primeira vez o guarda Franz, a não deixar escapar a mínima vantagem que talvez ainda tivesse sobre estas pessoas. K. via um perigo muito diminuto no facto de as pessoas virem a pensar que não fora capaz de entender a brincadeira, lembrava-se, porém — sem que tivesse o hábito de aprender com a experiência —, de situações, em si pouco importantes, nas quais, ao contrário dos seus amigos, e sem ter em conta as possíveis consequências, se comportou conscientemente de uma forma imprudente, tendo sido punido pelo resultado desse seu comportamento. Não queria que a situação se repetisse, pelo menos desta vez, caso se tratasse de uma comédia, então não se importava de participar nela.

Ainda era livre. «Com licença», disse, e foi rapidamente ao seu quarto por entre os guardas. «Parece ser uma pessoa razoável», ouviu comentar nas suas costas. No seu quarto, abriu bruscamente as gavetas da secretária, onde estava tudo muito bem arrumado, mas a excitação impediu-o de encontrar de imediato exatamente os documentos de identificação que procurava. Finalmente encontrou a licença de condução de bicicleta e queria já levá-la aos guardas, mas depois, o documento pareceu-lhe demasiado insignificante e continuou a procurar até ter encontrado a certidão de nascimento. Quando regressava de novo ao quarto contíguo, tinha acabado de se abrir a porta da frente e a senhora Grubach quis entrar. Mal se viu a senhora, pois, logo que reparou em K., ficou visivelmente embaraçada, pediu desculpas e desapareceu, fechando cuidadosamente a porta. «Entre», conseguiu ainda dizer K.. Ora, K. ficou em pé no meio do quarto com os documentos, olhou ainda para a porta que não voltou a abrir-se, assustando-se com um grito dos guardas, que se encontravam sentados à pequena mesa, colocada junto da janela aberta, servindo-se,

conforme notou K., do seu pequeno-almoço. «Porque não entrou ela?», perguntou. «Ela não pode», disse o guarda mais alto, «é que o senhor está preso.» «Como é que posso estar preso? Ainda por cima desta maneira?» «Lá está o senhor outra vez», disse o guarda, embebendo uma fatia de pão com manteiga no potezinho de mel. «Não respondemos a esse tipo de perguntas.» «Mas terão de responder», disse K.. «Estão aqui os meus documentos de identificação, mostre-me agora os seus e sobretudo o mandado de captura.» «Meu Deus!», disse o guarda, «como o senhor não é capaz de entender a situação em que se encontra e parece, pelo contrário, pretender inutilmente irritar-nos logo a nós que, de todas as pessoas, somos as que mais perto estão de si.» «É assim mesmo, acredite», disse Franz, que, em vez de levar à boca a chávena de café que tinha na mão, lançou a K. um longo olhar, talvez cheio de significado mas incompreensível. K. viu-se, sem querer, envolvido numa troca de olhares com Franz, mas depois, batendo nos documentos, disse: «Estão aqui os meus documentos de identificação.» «Que temos nós a ver com isso?», respondeu então o guarda mais alto. «O senhor está a portar-se pior do que uma criança. O que é que o senhor quer? Acha que vai acelerar o seu enorme e maldito processo, discutindo connosco, simples guardas, sobre a sua identificação e o mandado de captura? Não passamos de funcionários subalternos que pouco ou nada percebem de documentos de identificação e que, no seu caso, não têm outra tarefa senão vigiá-lo dez horas por dia e serem pagos para isso. É tudo o que somos, mesmo assim estamos à altura de compreender que as altas autoridades que nos superintendem, antes de emitirem um mandado de captura destes, se informam minuciosamente sobre as razões da prisão e da pessoa em causa. Não há aí nenhum engano. A nossa autoridade, tanto quanto me é dado conhecer, e conheço apenas as categorias mais baixas, não procura a culpa na população, mas sim, como diz a lei, é atraída pela culpa e tem que, portanto, enviar-nos a nós, os guardas. É assim a lei. Onde poderá haver aqui um erro?» «Não conheço esta lei», disse K.. «Tanto pior para si», disse o guarda. «Ela não existe senão nas vossas mentes», disse K. e queria de certo modo penetrar nos pensamentos dos guardas, conquistá-los ou apoderar-se deles.

Mas o guarda disse de uma forma pouco recetiva: «O senhor há de experimentar por si próprio.» Franz intrometeu-se e disse: «Vê só, Willem, ele admite não conhecer a lei e afirma ao mesmo tempo ser inocente.» «Tens toda a razão, mas não se lhe pode fazer compreender nada», disse o outro. K. não respondeu mais; será, pensou, que tenho que me deixar confundir pelo falatório destes — tal como eles próprios se classificam — minúsculos agentes? De qualquer modo, eles falam de coisas de que não percebem nada. A sua autossuficiência só é possível graças à sua estupidez. Uma breve conversa com uma pessoa do meu nível tornará tudo incomparavelmente mais claro do que um longo diálogo com estes indivíduos. Andou de um lado para o outro durante algum tempo no espaço livre do quarto, reparou na velha senhora em frente, que estava abraçada a um senhor ainda muito mais velho e que arrastara para a janela; K. tinha que pôr termo a este espetáculo: «Conduza-me ao seu superior», disse-lhe. «Só quando ele desejar; não antes», disse o guarda que dava pelo nome de Willem. «E agora aconselho-o», acrescentou, «a dirigir-se ao seu quarto, manter-se calmo e aguardar a decisão que vier a ser tomada sobre si. Aconselhamo-lo a não divagar inutilmente, mas sim a concentrar-se, pois será sujeito a grandes exigências. O senhor não nos tratou de forma a corresponder à nossa amabilidade, o senhor esqueceu-se que nós, independentemente de sermos o que somos, ao menos neste momento, em relação a si, gozamos de liberdade, o que não é uma superioridade a ser ignorada. Apesar disso, estamos dispostos, caso tenha dinheiro, a comprar-lhe um pequeno-almoço no café em frente.»

Sem reagir a esta oferta, K. manteve-se imóvel durante um instante. Talvez os dois não se atrevessem a impedi-lo de abrir a porta do quarto seguinte ou mesmo a porta da sala de entrada, talvez a solução mais fácil de tudo isto fosse exagerar até ao máximo. Mas talvez eles o agarrassem e, uma vez dominado, perderia toda a superioridade que, por enquanto, ainda possuía de certo modo em relação a eles. Por isso, preferiu a solução mais segura que a evolução natural dos acontecimentos proporcionaria e regressou ao seu quarto, sem que tivesse havido qualquer troca de palavras entre eles.

Atirou-se para cima da cama e tirou da mesinha de cabeceira uma bela maçã que, na noite anterior, preparara para o pequeno-almoço. Neste momento, era o que restava do pequeno-almoço e, de qualquer modo, como concluiu após a primeira grande dentada, muito melhor do que seria o pequeno-almoço do imundo estabelecimento noturno a que teria acesso através da benevolência dos guardas. Sentia-se bem e confiante, de facto, faltara ao serviço durante a manhã, mas o cargo relativamente importante que ocupava no banco facilmente o desculparia. Deveria invocar a verdadeira justificação da falta? Pensou em fazê-lo. Caso não acreditassem nele, o que era compreensível, tratando-se de uma situação destas, sempre poderia apresentar a senhora Grubach como testemunha ou mesmo os dois velhos, que, neste momento, se encontravam a caminho da janela que ficava em frente. K. admirava-se, pelo menos do ponto de vista dos guardas, que estes o tivessem conduzido ao quarto, deixando-o sozinho, onde teria imensas possibilidades de se suicidar. Simultaneamente, porém, perguntava-se a si próprio, desta vez do seu ponto de vista, o que o poderia levar a fazê-lo. Só porque os dois estavam sentados ao lado e se tinham apoderado do seu pequeno-almoço? Seria tão absurdo suicidar-se que, mesmo que o quisesse fazer, não seria capaz devido à absurdez da situação. Não fora a pobreza de espírito dos guardas tão evidente, poder-se-ia concluir que também eles, seguindo o mesmo raciocínio, não teriam visto nenhum perigo em deixá-lo sozinho. Eles bem podiam vê-lo agora, se quisessem, como ele se dirigia a um pequeno armário de parede onde guardava uma boa aguardente, como esvaziava um copo em substituição do pequeno-almoço e como guardava um segundo copo para lhe dar coragem, este último por precaução, para o caso improvável de ser necessário.

Nisto, um grito vindo do quarto contíguo assustou-o de tal maneira que bateu com os dentes no copo. «O inspetor chama-o», ouviu-se dizer. O que o assustou foi apenas o grito, este grito seco e cortante, como se fosse uma ordem militar que ele nunca seria capaz de atribuir a Franz. A ordem em si foi ao encontro do seu desejo, «finalmente», respondeu, fechou o armário e dirigiu-se rapidamente para o quarto ao lado.